

## **BELÉM: múltiplas imagens (1920 a 1949)**

Ângela Tereza de Oliveira Corrêa\*

**Resumo:** Busca-se analisar as representações dos intelectuais que visitaram a capital do Pará e/ou que nela moraram e que fizeram publicar suas impressões sobre a mesma. Para esses intelectuais, de um lado Belém apresentava-se como uma cidade moderna, culta e elegante, com ânsia de progresso e aprimoramento. Por outro lado, aspectos ligados a beleza natural, primitivos e exóticos são ressaltados. Com essa imagem dúbia a cidade era obrigada a conviver. Nas narrativas, Belém apresentava-se como à cidade luz, sol, sombra, sorriso, das mangueiras e como a Metrópole da Amazônia, delineando-se assim fisionomias da urbe e buscando estabelecer uma nova identidade para a cidade.

**Palavras chaves:** Cidade, Belém e Representações.

**Abstract:** Seeks to analyse the depictions of the intellectuals that visited and / or lived in the capital of Pará and who have published their impressions on it. For these intellectuals, Belém presented itself as a modern city, cultured and elegant, craving for progress and improvement. On the other hand, on the natural aspects related to exotic and primitive beauty are highlighted. With this dubious image the city was forced to live together. In narratives, Belém introduced itself as the light city, sun, shade, smile, of the mango trees and the Metropolis of the Amazon, shaping up the city's physiognomy and seeking to establish a new identity for it.

**Keywords:** City, Belém and Depictions.

Desde o século XVII, encontram-se diversas narrativas de viajantes europeus sobre a capital do Pará. Em geral as narrativas concentram-se nas impressões dos visitantes pela grandiosidade da terra e do exotismo que movia a percepção e o olhar etnocêntrico do europeu sobre a região, a cidade e seus habitantes. Esta análise, entretanto, se propõe a focalizar as narrativas dos intelectuais que visitaram a cidade ou que nela moraram nas décadas de 1920 a 1940.

Nas narrativas a Amazônia despontava como uma região selvagem, primitiva, o Éden perdido, a morada dos deuses e Belém como um grande centro de civilização criada em um meio considerado inóspito. A capital do Pará apresentava-se então, como a metrópole da Amazônia. As impressões de Andrade<sup>1</sup> sobre Belém servem à análise que será desenvolvida. Para ele:

---

\* Docente da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, Mestre em Planejamento do Desenvolvimento e doutoranda do programa de pós-graduandos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<sup>1</sup> Gilberto Osorio de Andrade teve sua crônica publicada na Revista Pará Ilustrado, nº53, 24/02/1940.

*“Santa Maria de Belém do Grão Pará é uma cidade que não se parece com nenhuma outra. Quem se depara com essa porta de sol da Amazônia, venha de onde vier, seja qual for a rota que o leva até ali, percebe instantaneamente estar diante, si não do imprevisto, pelo menos do surpreendente. (...) Não é em vão que a sua frente, pela baía do Guajará, até Salinas e mais além ainda, a perder de vista, dois oceanos comprimem-se, empurram-se, misturam-se, outra vezes repelem e de novo se aceitam. (...); e itinerário fatal da civilização que o sol comanda em sua marcha aparente de horizonte a horizonte; do âmago forte, primitivo da América, e da epiderme litoreana da Europa experiente e requintada, convergem elementos dessa fusão prodigiosa que tem seu resultado ainda recente, e todavia já singularmente sólido, na maior e mais civilizada de todas as cidade do mundo que se localizam entre cinco graos acima e abaixo do equador. (...)” (ANDRADE, 1940: 14)*

Porta de entrada da Amazônia, à capital do Pará estava cercada de águas por todos os lados. A cidade banhada pela caudalosa baía do Guajará, com suas águas turvas e agitadas, surpreendia pela exuberância natural e pelos seus aspectos civilizados. Mesmo diante das dificuldades impostas pela natureza e do primitivismo da região a cidade era “itinerário fatal da civilização”. No processo de formação da cidade misturavam-se elementos “primitivos da América” e também “da Europa experiente e requintada”, essa fusão de elementos foi capaz de transformar Belém “na maior e mais civilizada de todas as cidades do mundo” localizada no hemisfério equatorial (ANDRADE, 1940:14).

Perceber-se na narrativa referencias a abundância de água e certo temor diante do portentoso rio Amazonas. A Amazônia despontava como uma região primitiva, com um meio natural inóspito. Rio e água sinalizavam para modos de vida e comportamentos do homem amazônico com os quais Belém tinha de conviver. Rio que com suas enchentes e vazantes estabeleciam ritmos e modos de vida as populações que viviam as suas margens e que dele dependiam para sobreviver. Rio que nutria, mas que também trazia desolação e destruição. “Quando a baía de Guajará” (MORAES, 1989:24) enchia era possível visualizar canoas trafegando em suas margens, as roupas sendo lavadas e ouvir os murmurinhos dos moradores da Vila da Barca.<sup>2</sup> Mas quando a maré baixava deparava-se com a “desolação, a lama, e o lodo, os mosquitos...” (MORAES, 1989:24).

Água do rio, água da chuva, chuva que caía cotidianamente sobre a cidade. “Chuvvas cronométrica das três horas, das cinco horas, das sete horas, conforme a lua. Chuva relógio de Belém.” (ANDRADE, 1940:14) Chuva que amenizava o calor, mas que também esquentava e trazia mais chuva. “Porque na Amazônia, ao contrário do que” pensavam os visitantes “o calor ao invés de seca” trazia, mas chuva (ANDRADE, 1940:14). Chuva que estabelecia e impunha comportamentos e hábitos aos moradores. Chuva que fecundava e fertilizava o solo,

---

<sup>2</sup> A Vila da Barca congregava uma população pobre que vivia as margens do rio e sobre palafitas.

mas que aumentava os problemas e dificuldades dos moradores dos bairros suburbanos, que alagados e enlameados dificultavam a circulação das carroças, carrinhos de mão, bicicletas e autos que serviam ao transporte de pessoas e produtos. Chuva que segundo Jacques Flores chegava trazendo alegria às crianças das camadas populares que ficavam “possuídas sob o forte rodaminho do chubarê” esperando que “as cargas da água e a ventania” derrubassem as mangas das árvores. Chuva que divertia mais que também provocava espirros, “narizes entupigaitados”, rouquidões, tosses, gripes, “todo um feio cortejo de tanglomanglos”<sup>3</sup> (FLORES, 1939:15).

Chuva que desabava inesperadamente levando ao “corre-corre do povaréu em busca de abrigo”, mas que também, caso o sujeito se encontrasse em casa, trazia-lhe “um encanto delicioso, sobretudo a noite quando” (FLORES, 1939:15) se buscava descanso e tranquilidade esticando o corpo nos “fios”<sup>4</sup>. Encanto e tranquilidade que podiam ser perturbados por “uma, duas, três ou mais goteiras” (FLORES, 1939:15) a caírem insistentemente no interior da moradia levando seus moradores a trocarem os objetos de lugar procurando evitar que os mesmos sofressem com as gotas que insistiam em cair. Modos de vida, temporalidades e ritmos sociais que não transpareciam nas narrativas, e que aparentemente estavam afastados, mas que, no entanto, cruzavam-se e entrecruzavam-se por meio das trocas e circularidades existentes entre seus moradores.

A narrativa conduz a visualizar Belém como um grande centro de civilização em um meio tão “selvagem”. A civilização implantada na capital do Pará, somente teria sido possível com a combinação dos elementos da América primitiva, com sua população de índios, negros, mulatos e caboclos, e a Europa “experiente e requintada”, civilizada. O progresso europeu foi capaz de levar a civilização aos espaços mais “longínquos” e “primitivos”, e Belém sintetizava esta grande obra européia: a implantação da civilização nos trópicos.

A capital do Pará e a Amazônia foram obrigadas a conviver com esta imagem ambígua. De um lado uma região “selvagem”, com sua população “primitiva”, do outro a cidade “civilizada” com sua população elegante e requintada. O Álbum do Pará<sup>5</sup> e as fotografias, que eram publicadas nas revistas<sup>6</sup>, ao trazerem imagens da capital do Pará focalizando as suas praças e largos ajardinados, ruas e avenidas largas e arborizadas, o Museu Emilio Goeldi e o Bosque Rodrigues Alves, o teatro da Paz e as igrejas, os educandários, o

---

<sup>3</sup> A crônica de Jacques Flores, pseudônimo de Luís Teixeira Gomes, foi publicada na Revista Pará Ilustrado nº 26 de 25/02/1939.

<sup>4</sup> O cronista esta fazendo referência as redes de dormir.

<sup>5</sup> O Álbum do Pará foi publicado em 1939 durante a inventariação de J. C. da Gama Malcher.

<sup>6</sup> A Revista Pará Ilustrado possuía uma coluna intitulada *Nossa Terra Bonita*, em que divulgava fotografias com diversos pontos da cidade.

centro comercial e as fábricas Bitar, Phebo e Perseverança, os mercados de São Brás e o Ver-o-Peso, os auto-ônibus e bondes, serviam ao mesmo tempo para difundir a imagem de uma cidade moderna, culta e elegante, e para tentar destruir a imagem de que em Belém “as gibóias e jacarés ainda” caminhavam pelas ruas e avenidas, atravessavam “saltitante o largo da Pólvora” e reboavam “no Ver-o-Peso”<sup>7</sup> (LIBÂNIO, 1939:9).

Andrade prosseguiu narrando suas impressões sobre a cidade:

*“Nas largas avenidas retas, majestosas, o estilo europeu das portas de vidraças casa-se ao sombreado augusto das enormes mangueiras, formando túneis altos que a luz irradiante só penetra desfeita em centelhas. (...). Sempre que se erguem os olhos para os aviões que chegam de três pontos cardeais, divisa-se antes, ao nível da baía, uma vela marajoara que se acerca ou uma montaria amazônica que singra. (...)”* (ANDRADE, 1940:14).

Na cidade, Andrade se deixava encantar pelos logradouros e hotéis em que percebia a circulação e movimentação intensa de pessoas a visitarem a cidade dando-lhe um aspecto cosmopolita. Aparecem elementos tradicionais misturados aos símbolos da modernidade belenense. No Museu Emilio Goeldi, o visitante encontrava um pequeno trecho da fauna amazônica, no “bucólico” Bosque Rodrigues Alves, uma parte da floresta, pelas ruas, as mangueiras traziam sombra e amenizavam o calor, ao olhar para a baía observava as montarias, transporte do homem ribeirinho, com suas velas coloridas cruzando o rio. Entretanto, o visitante também se deparou com a suntuosidade do teatro da Paz, com as igrejas de Nazaré e da Sé, casarões com estilos europeus e com os aviões que passavam sobre a cidade. Era esta fusão de elementos que o visitante considerava como uma síntese “pacífica” de elementos da América “primitiva” com a Europa “civilizada”.

O tradicional se contrapunha ao moderno e distanciava-se de tudo que era urbano. A natureza era domada e enclausurada para o deleite do homem moderno, a relação com o tempo era modificada acelerando-se com a velocidade dos aviões que sobrevoavam a cidade e as montarias que singravam a baía do Guajará não conseguiam acompanhar. Mas eram estes contrastes que faziam com que a urbe fosse invadida por turistas desejosos de apreciarem suas características tradicionais, sua exuberância natural, seus elementos bucólicos, mais também seu traçado urbano, suas características modernas, sua população considerada culta e elegante e empenhada em fazer avançar a civilização nos trópicos. Andrade observou também práticas alimentares presentes em Belém. Segundo o cronista:

---

<sup>7</sup> A crônica de Mario Libanio foi publicada na Revista Pará Ilustrado nº 25 de 21/01/1939.

*“Na mesa, a simbiose apura-se em nítidos contrastes. Os famosos casquinhos de mussuã, polvilhados com farinha d’agua, alternam-se com hors d’oeuvres exóticos. A tartaruga símbolo de prodigalidade culinária defrontam-se com as iguarias de origem ultramarina. Bebe-se o vinho de assai em cuias e tigelas, e os vinhos de uva em cálice e taças. O molho de tucupi, com o pato assado, desafia a mais apurada extravagância em matéria de sauces. E Belém resplandece, prodígio de assimilação tranqüila, síntese de velhas experiências e de impulsos jovens, sob um vasto ceo claro que a transforma numa iluminura pancromática.” (ANDRADE, 1940:14)*

A diversidade e contrastes culinários se faziam presentes na urbe. Práticas e hábitos alimentares tradicionais dos belenenses eram considerados exóticos e extravagantes, e se contrapunham ao “requisite” e “sofisticação” das práticas e hábitos alimentares considerados civilizados.

Segundo Andrade a cidade crescia, evoluía, aprimorava-se, desenvolvia-se, um fenômeno inexplicável de assimilação tranqüila “síntese de velhas experiências e de impulsos jovens”. O autor finaliza a narrativa exprimindo o desejo de voltar à cidade e vê-la crescendo sob a influência do sol que renovava os ânimos e as energias dos que lutavam para transformá-la na mais “civilizada de todas as cidades do mundo que se localizam entre cinco graus abaixo do equador.” (ANDRADE, 1940:14).

A propaganda de 1940 apontava vários fatores que contribuía para que Belém pudesse ser considerada a metrópole da Amazônia:

*“Já se disse – e com muito acerto – que Belém, por sua posição geográfica, pelo seu clima, movimento de seu comercio e de sua industria, pela beleza de seus monumentos, edifícios públicos e particulares, praças e avenidas, pelo numero de seus habitantes e pela extensão de sua quadra urbana, é a metrópole da Amazônia”. (REVISTA PARÁ ILUSTRADO, 1940:8)*

O titulo de Metrópole da Amazônica era requerido e justificado pela “posição geográfica”, pelo clima, pelo movimento comercial e industrial, pelos monumentos, edifícios públicos e particulares, praças, avenidas, pelo número de moradores, pela extensão de sua quadra urbana e pelas continuadas e constantes realizações do poder público.

As impressões deixadas por Raimundo de Menezes<sup>8</sup> permitem um olhar sobre o centro da cidade:

*“(…) Entremeando as casas e os palacetes, enfeitando-os, com o encanto de sua chlorophila, as arvores de um verde carregado, aqui e ali, alegam architectura da cidade.  
E além, cor de barro, chamalotada de ilhas e ilhotas verdejantes, a bahia apertada e estreita, como um fita a scintilla á luz do sol...  
Belém! Como és encantadora, cidade do Guajará!  
As tuas arvores são a tua maravilha! Não conheço cidade de arborização mais perfeita e mais completa.*

---

<sup>8</sup> As impressões de Raimundo de Menezes foram publicadas em livro intitulado “Nas Ribas do Rio-Mar”.

*As tuas ruas, as tuas praças, as tuas avenidas, os teus largos, os teus “boulevards” parecem as alamedas de um parque. (...)” (MENEZES, 1928:31).*

Belém, cidade surgida às margens do rio e no interior da grande floresta amazônica despontava no olhar do observador como uma “tela de paisagem”, forjava-se assim a imagem de uma cidade que aparentemente se mantinha em harmonia com a natureza. Pelas ruas, avenidas praças, largos, boulevards e por entre as casas e palacetes, “nos becos mais sórdidos”, para onde quer que olhasse observava as árvores verdejantes que alegravam a arquitetura da urbe.

A cidade convivia harmoniosamente com a paisagem natural que a “enfeitava”. A urbe moderna humanizava o meio ambiente, dominando-o, subjugando-o, transformando-o em paisagem. Esta imagem, de aparente harmonia, desprezava todos os outros elementos que caracterizavam o processo de urbanização de Belém como os prejuízos causados ao meio ambiente, os conflitos e as tensões sociais, a destruição de modos de vida e visões de mundo, temporalidades e ritmos sociais presentes na urbe e em seus arredores.

Menezes ao observar Belém, lançou o olhar primeiramente para o interior da cidade para apreciar suas características modernas, ao fazer isto virou as costas para a baía do Guajará. Somente após apreciar e se convencer da “faceta de progresso” existente, voltou então o olhar para a baía do Guajará, porta de entrada da urbe. O “progresso” do homem moderno evidenciava-se na perspectiva do observador e somente então a paisagem “selvagem” surgia, em segundo plano, no horizonte longínquo, como uma “fita cintilante à luz do sol” (MENEZES, 1928:31).

O ato, de vira as costas para a baía, poderia simbolizar a vontade, o desejo, a ânsia dos grupos mais abastados de esquecerem e ocultarem as “ilhas e ilhotas” com sua população ribeirinha de índios, negros, mulatos e caboclos que viviam em palafitas nos arredores da cidade e nas ilhas próximas a baía do Guajará, imagem que em nada lembrava a “faceta de progresso” descrita pelo visitante. Belém, em seu processo de expansão urbana virou as costas para o rio, para a baía, deixando somente algumas pequenas “janelas” que possibilitavam ao observador atento perceber a sua ativa e dinâmica vida ribeirinha.

Ao caminhar pela urbe, Menezes sentia-se encantado, deslumbrado com a arborização da cidade. Arborização que podia ser percebida nas ruas, praças, avenidas, largos, boulevards, fazendo com que a cidade despontasse como um verdadeiro parque.

Menezes não se esqueceu de descrever o encantamento e felicidade sentidos ao se deparar com as mangueiras:

*“As tuas mangueiras! Ah! As tuas mangueiras, simetricamente dispostas, quer nas ruas mais elegantes, quer nos becos mais sórdidos, fornecem ao visitante uma nota de novidade.*

*Eu percorri quasi todas as tuas vias, numa curiosidade insatisfeita e, em cada artéria nova que encontrei, tive a ventura de sorrir, numa alegria de sceptico, ao verde-negro das tuas mangueiras que se erguiam para o ar, como ramos de esperança...*

*Eu sorri e acreditei na felicidade...(...)”* (MENEZES, 1928: 31/32)

As mangueiras “simetricamente dispostas” chamavam-lhe a atenção. O encantamento, diante de tanta beleza natural, trazia aos lábios do visitante um sorriso largo e um sentimento de intensa felicidade invadia-lhe a alma. Nas praças, deparava-se com bancos cobertos com as sombras das árvores, que lhe permitiam sentasse e descansar tranquilamente. Os caramanchões recobertos de trepadeiras mostravam-se acolhedores e agradáveis, enquanto que “os coretos recobertos de musgos” chamavam-lhe a atenção. Para o visitante a “faceta de progresso” existente em Belém era obra da Intendência Municipal.

O visitante apesar de observar a existência das mangueiras “nos becos mais sórdidos”, não foi capaz ou não quis registrar que seus moradores não tinham acesso à “faceta de progresso” do centro da cidade. Nos bairros suburbanos o fornecimento de energia elétrica, água e transporte eram quase inexistentes, as ruas mal pavimentadas ou sem nenhuma pavimentação, enlameadas, esburacadas e cheias de capim demonstravam que os benefícios do “progresso” observados pelo narrador no centro de Belém, não se estendiam aos territórios de moradia da população com menores recursos.<sup>9</sup> A cidade descrita, visualizada era a dos grupos abastados que buscavam impor seus valores estéticos e culturais aos moradores da cidade.

Outro visitante da capital paraense deixava entrever uma imagem de Belém:<sup>10</sup>

*“Eu vi Belém, formosa capital marajoara, entre surpreso e encantado. Esse encantamento e aquela surpresa tomaram vulto e cresceram em meu espírito deslumbrado através do movimento febricitante, do seu porto, das suas ruas, praças e avenidas borborinhantes de gente, exibindo uma vida de intenso trabalho e de elegância requintada.*

*(...)*

*Visitei o seu parque magnífico, o museu Goeldi, de nomeada indiscutível, e a Basílica de Nazaré, onde toda uma população se prosterna, num milagre de fé, por ocasião da festa do Círio, aos pés da miraculosa imagem da padroeira da cidade.*

*Confundi-me no tumultuar incessante do Ver-o-Peso, com o seu mercado sui generis, pela variedade de exposição, pela garridez colorida de seus jarros, suas louças de cerâmicas em que pompeam motivos da arte marajoara.*

*Admirei o majestoso Teatro da Paz, as telas e quadros de valor de notáveis pintores, na Prefeitura e no Palácio governamental”* (SERRÃO, 1940: 18).

<sup>9</sup> Nos jornais e revistas encontram-se muitas reclamações referentes aos problemas de infra-estrutura existente nos bairros suburbanos.

<sup>10</sup> A crônica de Gustavo Serrão “**Como eu vi Belém**” foi publicada na Revista Pará Ilustrado nº 52 de 10/02/1940.

Serrão se surpreende e encanta-se com a cidade. Deslumbra-se com a agitação do porto, das ruas, praças e avenidas povoadas de sujeitos ruidosos, “exibindo uma vida de intenso trabalho e de elegância requintada” (SERRÃO, 1940:18). O visitante observou a imposição de um novo ritmo a vida cotidiana da urbe que se pretendia moderna. Ritmo febricitante, alucinante, acelerado, intensificado pelo processo de industrialização, pela inovação tecnológica, pelos novos meios de comunicação, como o cinema e o rádio e pelos meios de transporte. Ritmo que se contrapunha à monotonia e à tranqüilidade dos bairros suburbanos, onde outros ritmos sociais e temporalidades podiam ser observados. Ritmo que impunha uma vida de intenso trabalho. Trabalho de um caráter “elegante” e “requintado” que paulatinamente foi se impondo e destruindo as formas tradicionais de trabalho, temporalidades e ritmos sociais existentes entre os moradores da capital Guajarina.

Os dias passados em Belém permitiram ao visitante conhecer o Museu Emilio Goeldi, a Basílica de Nazaré, se misturar no “tumultuar incessante do Ver-o-Peso”, observar o seu “mercado sui generis, admirar “o majestoso Teatro da Paz, as telas e quadros de valor de notáveis pintores”, expostos na “Prefeitura e no Palácio governamental”, (SERRÃO, 1940:18) amostra do que era considerado o aprimoramento cultural dos habitantes da urbe.

Com seus parques, museus, igrejas, teatros, Belém despontava como uma cidade culta, de um gosto refinado e elegante próprio dos valores apregoados pelas elites. Além do mais, esses territórios eram locais em que se exibia a moda, os costumes e os hábitos considerados modernos, onde se podia ver e ser visto, onde se criavam distinções e se afirmavam identidades. O visitante concluiu a narrativa reafirmando sua surpresa, encantamento e deslumbramento diante de uma Belém considerada “magnífica, culta e formosa” (SERRÃO, 1940:18)

Barreto<sup>11</sup> viveu em Belém exercendo suas atividades profissionais como professor. Ao deixar a cidade em 1939, escreveu uma carta em que agradecia ao povo paraense pelo acolhimento e dava demonstração de afetividade à cidade que o havia acolhido. Barreto iniciou a carta referindo-se as atividades que tinha exercido como professor de aproximadamente três gerações de paraenses. Em seguida passava a tecer imagens sobre a cidade em que viveu dez anos.

As tardes calorentas e abafadas do verão belenense afetavam o professor e os moradores da urbe. O calor gerava cansaço e desânimo, diminuía a vontade de sair de casa e de trabalhar, restringia a circulação de pessoas no espaço público e desacelerava o ritmo

---

<sup>11</sup> A crônica de A. Barreto foi publicada na Revista Pará Ilustrado nº 54 de 9/03/1940.



citadino, esperava-se o abrandamento do calor para se retomar novamente o ritmo urbano. Fora os momentos de sofrimento provocados pelo sol abrasador, a cidade era considerada jovial e acolhedora. Para o professor Belém era a:

*“(...) Cidade luz, cidade sol, cidade chuva, cidade sombra, cidade sorriso. Luz do Equador, plena luz, espedício de luz, luz que encandeia. Sol abrasador, de queimar, de rachar, de carbonisar. E, mas tarde, a chuva, a chuva matematicamente das luas cheias, das luas novas. Chuvas cronométrica das três horas, das cinco horas, das sete horas, conforme a lua: chuva relógio de Belém, como a água, no dito de Raimundo Moraes, é o relógio da Amazônia. Chuva... Chuva que traz água, e depois deixa calor. A reação da terra, a vingança do calor contra sua antagonista, a água. Antagonista não: sua comparsa. Porque na Amazônia, ao contrario do que se passa alhures, o calor, ao invés de secar traz chuva. O sol lá, é o parceiro da chuva.*

*Cidade sorriso. No Pará existe um dia para chorar: o dia de Finados. O resto da vida é sorrir. Belém sorri. E vê-la matinalmente, saída apenas de seu repouso, beijada de sol orvalhada, cantante em seu despertar matutino... E vê-la sorrindo na garrulice de seus 15.000 colegiais e crianças dos grupos carregando para o meio da rua a alegria de sua felicidade. Toda uma floração de rostos joviais, uniformes vistosos; todo um concerto de risadas, de tagarelice em voz alta, ruas afora, avenidas afora, atulhando praças, congestionando travessas e encruzilhadas, na ruidosa e cantante algazarra da Amazônia a despertar. Belém sorrindo... (...)”* (BARRETO, 1940:19)

Além de a cidade ser considerada encantadora e jovial, ela era também a cidade luz, sol, chuva, sombra, sorriso. “Luz do Equador, plena luz, espedício de luz, luz” que encandeava, e que se fazia presente cotidianamente na vida dos moradores, por isso Belém era também a cidade sol, “sol abrasador, de queimar, de rachar, de carbonisar” (BARRETO, 1940:19). Mas podia ser também a cidade sombra que diante da luz forte e abrasadora do sol, exigia que se buscasse proteção nas sombras oferecidas pelas mangueiras. Cidade chuva que aparentemente caía para amenizar o calor, mas que ao final contribuía para tornar a cidade mais calorenta e abafada.

Para o professor Belém era também a cidade sorriso. Barreto percebia o sorriso da urbe “na garrulice de seus 15.000 colegiais e crianças carregando para o meio da rua a alegria da sua felicidade” (BARRETO, 1940:19). Ruas, avenidas e praças, invadidas com a alegria e felicidade de crianças e adolescentes que todas as manhãs, despertavam a cidade com seus “rostos joviais” e sons alegres de conversas, risadas e algazarras. O professor, entretanto, esquecia que a maioria dos rostos joviais, alegres e sorridentes, moradores dos arrabaldes, não possuía condições de freqüentar os grupos escolares. Não era bem para eles que se dirigia o discurso educacional proposto pelo Estado, como conseguiriam freqüentar a escola “se não tinham roupa, sapatos?” (ANTUNES, 1943: 21). Cidade sorriso que ocultava as mazelas sociais presentes na urbe, mazelas que, no entanto, não tiravam os momentos de alegria, felicidade e prazer que a vida podia proporcionar até aos mais simples dos mortais.

A imagem de Belém como cidade das mangueiras, buscava harmonizar as relações entre cidade e natureza, mas acabava por camuflar a destruição do meio ambiente e as formas de trabalho e sobrevivência tradicionais existentes na urbe.

O movimento do porto, das ruas, praças e avenidas, demonstravam a imposição de um ritmo diferente, em que as mudanças e transformações ocorriam rapidamente alterando, transformando a vida dos moradores. A existência de uma intensa atividade comercial reforçada com a percepção de uma “vida de intenso trabalho” apontava para a destruição de formas de trabalho tradicionais existentes na urbe, assim como, a presença de prédios como o Museu Emilio Goeldi, a Basílica de Nazaré, o Teatro da Paz e o Palace Cassino apontavam para uma modernidade a ser perseguida e insistentemente cultuada pelas elites belenenses.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOURDIE, Pierre. **O Poder Simbólico**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

CHAVES, Ernani & MARIN, Rosa E. Acevedo. *Imagem de Belém: Paradoxos da modernidade e cultura na Amazônia*, In: XIMENES, Tereza (Org). **Perspectivas do Desenvolvimento Sustentável: Uma contribuição para a Amazônia** 21. Belém: UFPA/NAEA. Associação das Universidades da Amazônia, 1997.

ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador, V.1. Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FONTES, Edilza. **O Pão Nosso de Cada Dia**. Trabalhadores, indústria da panificação e a legislação trabalhista em Belém (1940-1954). Belém: Paka-Tatu, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MORAES, Eneida. **Aruanda e Banho de Cheiro**. Belém: SECULT/FCPTN, 1989.

PENTEADO, Antonio Rocha. **Belém do Pará: Estudos de Geografia Urbana**. Vol.1 Belém: Universidade Federal do Pará, 1968.

SEVCENKO, Nicolau. *A Capital irradiante: Técnica, ritmos e ritos do Rio*. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada República da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 03, 1998.

SPINOSA, Vanessa. **Pela Navalha Cotidiano, moradia e intimidade (Belém 1930)**. Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo: Programa de Pós-Graduados em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **Campo e Cidade na História e na Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.